

Empreendedores de Santa Maria apostam no momento da região

GABRIEL MARGONAR/ESPECIAL/CIDADES



V Belga Food Hall funciona atualmente no prédio que abrigou a antiga cooperativa dos ferroviários e foi reformado em 2020

Se durante décadas a Vila Belga foi conhecida como um símbolo da memória ferroviária de Santa Maria, nos últimos anos o conjunto histórico passou a atrair um novo perfil de ocupação. Ao lado dos moradores que preservam a história do local, empreendedores têm apostado no potencial turístico e cultural da região para abrir negócios que ajudam a movimentar o bairro.

Foi o caso do casal Cristina Calil e Daniel Pereyron, proprietários do Empório Belga. Instalado em uma das antigas residências da Vila, o espaço reúne produtos gourmet, cestas temáticas, souvenirs e uma galeria de arte mantida pela família.

“Trabalhamos aqui há cerca de três anos e meio. A ideia era criar um espaço que reunisse diferentes atividades. Além do empório, mantivemos a galeria de arte que era do meu pai. Ele faleceu no ano passado, mas o espaço continua preservado”, conta Cristina.

A escolha pela Vila Belga não foi por acaso. Arquiteto e atuante na área de patrimônio histórico, Daniel afirma que o conjunto sempre despertou interesse.

“Sempre tive um carinho muito grande pela Vila Belga. Quando surgiu a oportunidade de comprar a casa, também enxergávamos um potencial importante ligado ao Distrito

Criativo. Acreditávamos que a economia criativa começaria a se consolidar aqui”, explica.

O casal percebe uma mudança gradual na circulação de pessoas pela região. Embora parte das vendas aconteça pela internet, o movimento presencial cresceu nos últimos anos, especialmente em dias de eventos.

“A Vila Belga recebe muito turismo por ser um dos principais pontos turísticos da cidade. Durante a semana o movimento é mais tranquilo, mas existe. Já em dias de eventos e, principalmente, nos dias de Brique, o fluxo cresce bastante”, afirma Cristina.

Segundo Daniel, a revitalização também começa a ser percebida em áreas próximas, especialmente na avenida Rio Branco. “Vieram novos empreendimentos nos últimos anos... Durante muito tempo, essa parte da cidade carregou uma sensação de abandono. Hoje já é possível perceber uma retomada”, celebra.

A poucos metros dali, outro empreendimento ocupa um espaço ainda mais diretamente ligado à história ferroviária da cidade. O V Belga Food Hall funciona no prédio que abrigou a antiga cooperativa dos ferroviários, onde trabalhadores recebiam salários e benefícios.

O empresário Marcelo Fialho conta que a proposta sur-

giu após a reforma do imóvel, iniciada por volta de 2020. “A estrutura já possuía características que favoreciam a instalação de diferentes cozinhas. A partir disso surgiu a ideia de criar um espaço onde grupos de amigos, famílias e empresas pudessem encontrar várias opções gastronômicas em um único local”, recorda.

Hoje, o empreendimento reúne operações de pizza, hambúrguer, sushi, carnes, massas e petiscos, além de um bar inspirado na temática ferroviária. Para Fialho, abrir o negócio na Vila Belga significou participar de um processo maior de recuperação da região.

“A cidade cresceu a partir da ferrovia e da estação. Então nada mais natural do que contribuir para a recuperação dessa área que representa as origens do desenvolvimento local”, pondera.

O empresário acredita que a consolidação da Vila Belga e da Gare como polo turístico da cidade depende da continuidade dos investimentos e da ocupação dos espaços históricos. “É um processo que exige persistência, mas vejo muito potencial. Se houver continuidade nesse trabalho de revitalização, a região tem todas as condições de se consolidar como um dos principais polos turísticos e culturais de Santa Maria.

Moradores da Vila Belga ainda mantêm ligação com a história ferroviária

Quando fala sobre a Vila Belga, o aposentado Paulo Conceição costuma repetir uma frase que resume sua relação com o local: “Minha história se confunde com essa região”. Aos 66 anos, o presidente da Associação dos Moradores Ferroviários da Vila Belga acompanha a trajetória do conjunto histórico desde a infância. Filho de ferroviário, começou a frequentar a região ainda criança, fez curso de eletricista no Centro de Formação Profissional Ferroviária e construiu sua vida em torno de uma estrutura que, durante décadas, organizou o cotidiano de Santa Maria.

“Desde os cinco ou seis anos eu já vinha para cá. Depois estudei na formação ferroviária, estagiei em setores da ferrovia e trabalhei em diferentes cidades. Acompanhei toda a evolução, desde o período da Viação Férrea até a privatização”, conta.

Entre as lembranças mais marcantes estão as visitas à antiga cooperativa dos ferroviários. “Eu vinha comprar tecido, carne, mantimentos. Quando minha avó morreu, eu tinha uns 11 anos e vim comprar o tecido para fazer as roupas de luto. São memórias que ficaram para a vida toda.”

Para Conceição, a principal riqueza da Vila Belga não está apenas nas casas preservadas ou nos tombamentos conquistados ao longo dos anos. “O principal desafio hoje é preservar a Vila sem perder os moradores. Ainda temos muitos ferroviários e familiares de ferroviários vivendo aqui. Esse patrimônio imaterial precisa permanecer vivo”, afirma.

A preocupação encontra eco na história de José Carlos Rodrigues de Oliveira, de 73 anos. Natural de Cacequi, ele chegou a Santa Maria em 1978 por causa da ferrovia e mora na Vila Belga há mais de quatro décadas.

“Foi a própria ferrovia que me trouxe para Santa Maria e que me proporcionou esta casa

onde moro até hoje”, lembra. Operador rodoferroviário, Oliveira trabalhou quase 34 anos na atividade. Durante boa parte desse período, viu a região viver o auge da movimentação ferroviária.

“Naquela época tudo girava em torno da ferrovia. Existia a cooperativa, onde fazíamos compras. Eu mesmo passei 26 anos comprando lá.”

A lembrança mais dolorosa, por outro lado, está associada ao período da privatização. “Foi muito triste. Vi muitos colegas saírem chorando. Tinha gente com 10, 15 ou 20 anos de serviço que ainda estava longe de se aposentar e não sabia o que faria dali para frente”, diz.

Com o declínio da atividade ferroviária, a região entrou em um período de esvaziamento e abandono, conta. “A gente via os vagões se deteriorando, a vegetação crescendo e os espaços sem utilização. Foi uma fase triste para quem viveu os tempos da ferrovia.”

Nos últimos anos, entretanto, ambos passaram a acompanhar uma nova transformação da Vila Belga. Eventos culturais, restaurações e novos empreendimentos devolveram movimento a uma área que por muito tempo permaneceu à margem da cidade.

E, apesar das mudanças, algumas características permanecem as mesmas. Entre elas, a convivência entre vizinhos. “Tem gente que mora aqui há décadas. Todos se conhecem, existe amizade e respeito”, afirma. “Como sou um dos moradores mais antigos, o pessoal costuma me procurar para conversar sobre a história da Vila Belga”, brinca.

Para Conceição, é justamente essa combinação entre patrimônio, memória e vida cotidiana que diferencia o conjunto histórico de outros espaços preservados. “Hoje a Vila Belga é um cartão-postal. Mas, acima de tudo, continua sendo um espaço vivo”, finaliza.

GABRIEL MARGONAR/ESPECIAL/CIDADES



Para quem vive nas casas, presença de negócios e eventos mantém região viva